

terapias convencionais. A relação inversamente proporcional de PAX5 com CXCR4 pode ser corroborada, posto que o PAX5 é um fator sinalizador de anormalidades celulares e, na existência de quantidades aberrantes de CXCR4, o PAX5 provavelmente se encontra inibido ou pouco expresso. Incapaz de realizar sua função de reparo, permitindo a expansão de células neoplásicas. A correlação entre a LLA B e a respectiva expressão do PAX5, em detrimento da LLA T, é explicada pela função primordial que esse gene realiza na maturação dos linfócitos B, modulando a linhagem celular. **Conclusão:** A expressão gênica do CXCR4, IKZF1 e PAX5 parece influenciar aspectos clínicos e de prognóstico da LLA infantojuvenil. A análise da expressão destes genes na evolução da doença pode elucidar outros mecanismos envolvidos na leucemogênese não compreendidos neste estudo.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2023.09.1789>

ESFREGAÇO DE SANGUE PERIFÉRICO: A IMPORTÂNCIA DESSA FERRAMENTA DIAGNÓSTICA NA FORMAÇÃO DE UM MÉDICO GENERALISTA

LC Figueiredo, NS Sampaio, RC Bokehi, HAS Silva, FDG Almeida, AMB Merhy, ILL Mattos, LGR Silva, MC Magalhães, VRGA Valviesse

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Objetivos: O objetivo deste estudo é relatar a experiência de monitores da disciplina de Hematologia da UNIRIO, com um projeto de graduação que reforça o esfregaço de sangue periférico como ferramenta diagnóstica. **Materiais e métodos:** Relatar na forma de relato de experiência a atividade prática desenvolvida por monitores da disciplina de Hematologia e Hemoterapia da UNIRIO. **Resultados:** A turma de 70 alunos foi dividida em quatro grupos, que participaram da monitoria em momentos diferentes. A monitoria ocorreu em 3 fases: (1) preparo da lâmina; (2) interpretação do resultado da hematoscopia ao microscópio e (3) identificação de alterações relacionadas a doenças hematológicas. Na primeira fase, durante o preparo da lâmina, os alunos foram ensinados a limpar e identificar a lâmina, coleta adequada do sangue, distensão e coloração da lâmina. Na segunda fase, a interpretação das lâminas foi feita na sala de microscopia do setor de Patologia do Hospital Universitário Gaffrêe e Guinle. Cada lâmina foi colocada sob a lente do microscópio e a imagem foi transmitida para uma tela, como uma “lousa eletrônica”. Nesse momento, ocorre discussão sobre os diagnósticos, correlacionando os achados com o quadro clínico. Na terceira fase, os monitores imprimiram e plastificaram imagens de hematoscopias e solicitaram aos discentes participação ativa na identificando das alterações encontradas (com o respectivo nome técnico) e qual doença se associava com a alteração. Ao fim da atividade, os discentes receberam no formato “.PDF” o arquivo confeccionado como gabarito para revisão. **Discussão:** A disciplina e/ou especialidade de Hematologia e Hemoterapia é uma das mais complexas vivenciadas pelo

estudante de medicina, englobando doenças e condições patológicas que frequentemente tangenciam outras especialidades. Nesse contexto, o médico generalista muitas vezes se depara com alguns casos que outros colegas inadequadamente encaminham ao hematologista. Durante a formação acadêmica do médico generalista, é necessário familiarizar o acadêmico com os achados mais marcantes de algumas doenças. Para isso, foi organizada uma monitoria de esfregaço de sangue periférico para os alunos do 7º período de medicina na UNIRIO, na disciplina de Hematologia e Hemoterapia. O resultado da estruturação dessa monitoria pode ser visto nas provas que os discentes entregaram, nas quais, ainda que a hipótese diagnóstica não fosse compatível com a descrição clínica no enunciado da questão, eles sabiam, em geral, o que esperar encontrar no esfregaço de sangue periférico para aquela hipótese. **Conclusão:** Foi possível enriquecer a formação médica generalista dos acadêmicos, com ilustrações reais de alterações na hematoscopia, com estímulo ao desenvolvimento do aprendizado e, por fim, com resultados satisfatórios nas respostas das avaliações da disciplina.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2023.09.1790>

HEMOSTASIA: DESAFIOS NA EDUCAÇÃO DE HEMATOLOGIA

RC Bokehi, LC Figueiredo, NS Sampaio, FRO Lima, CP Batista, MM Meis, LN Veloso, MCG Andreolli, MC Magalhães, VRGA Valviesse

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Objetivos: Relatar na forma de relato de experiência a participação de alunos monitores na disciplina de Hematologia da UNIRIO no ensino da Hemostasia. **Material e métodos:** Relato de experiência de monitores e o aproveitamento de discentes da aula prática de Hemostasia para os alunos do sétimo período da UNIRIO, como parte de um projeto acadêmico. **Resultados:** Foram organizados encontros com divisões da turma em quatro grupos nas aulas práticas de Hematologia. Os alunos puderam montar a cascata de coagulação com placas emborrachadas confeccionadas pelos monitores com os componentes da cascata de coagulação, as doenças relacionadas e medicamentos utilizados. A monitoria foi estruturada em 4 fases para estimular dinâmicas relacionadas à cascata da coagulação. Durante a primeira atividade, os discentes foram orientados a organizar sequencialmente as etapas da cascata. Na segunda, os discentes repassaram as etapas com os monitores e docentes responsáveis, sendo inquiridos sobre todo o processo descrito. No terceiro momento, o mesmo processo foi repetido, centrando nos principais distúrbios relacionados e nos medicamentos que possuem como alvo componentes da cascata de coagulação. Durante esta etapa, buscou-se estimular os discentes a consolidar conhecimentos dos temas da hematologia. Ao fim, foi feito um debate sobre as condições clínicas e as condutas diagnósticas e terapêuticas a serem tomadas, de modo a complementar e reafirmar a abordagem do conteúdo, além de incentivar os discentes a contextualizar os diferentes